



- para a partilha dos bens e a celebração eucarística da vida. Desconfiamos de “grandes projetos” e estruturas pesadas, sempre ligadas aos faraós, que o sistema sustenta. Ao criarmos estruturas, devemos pensá-las transparentes, para que os próprios pobres possam administrá-las (protagonismo dos pobres).
8. A **concorrência midiática** nos insere em estruturas miméticas capitalistas e sensacionalistas. Quando o papa voltou para Roma, Aparecida desapareceu da grande imprensa. Também uma “televisão católica” incorre em dois equívocos, um estrutural, outro material (conteúdo): trata-se de estruturas caras, incorporadas ao sistema e suas dependências; esse mesmo sistema não permite questionamentos acerca de seus conteúdos. Mesmo que os conteúdos fossem bons, pela dependência do grande capital já estariam visceralmente corrompidos.
  9. A Igreja/paróquia não tem a real possibilidade de transformar o sistema. Ela faz parte desse sistema que ela quer transformar. Por isso, tem sempre necessidade de **conversão** e de atitude penitenciais. A partir de seu campo próprio, porém, que é o campo dos **sinais de justiça** e das **imagens de esperança** do Reino, ela aponta para transformações sistêmicas e as situa nas rachaduras do sistema. Todas as pequenas ações podem ser realizadas como expressão de misericórdia e justiça de Deus e têm um valor simbólico e um significado integral (corpo, espírito, mente, alma; indivíduo e coletividade) que anima a caminhada e fortalece a esperança na possibilidade de uma vida plena.
  10. O campo dos sinais e das imagens protege a atividade missionária paroquial da **ilusão da totalidade** possível. A Igreja é sinal e sacramento de salvação e não seu curral. Não somos caçadores de borboletas (pagãos, ateus, crentes). Somos zeladores do jardim. O forte da missão não é a propaganda, mas a atração do seu testemunho. As estruturas pastorais terão sempre algo de *pars pro toto*; são convidativas, não exclusivas. O próprio Jesus não curou todos os cegos nem ressuscitou todos os mortos. A missão não visa à incorporação do último ateu nem do último protestante à Igreja Católica. O “ser sinal” não visa a totalidade, mas a universalidade da salvação. Tampouco deve ser confundido com uma ideologia elitista do “pequeno rebanho”.

*Endereço do Autor:*

Caixa postal 46023  
CEP 04046-970 SÃO PAULO, SP  
Email: suess@uol.com.br



*Resumo:* Pretende-se destacar alguns elementos essenciais da formação do discípulo-missionário, a partir do Documento de Aparecida, que poderão servir a todos os batizados para que, pouco a pouco, convertam tais elementos em convicções profundamente arraigadas e solidamente estruturadas, como orientações de um verdadeiro programa, no projeto pessoal de amadurecimento e crescimento. O discípulo-missionário é alguém chamado, formado num processo de comprometimento com Deus Pai e com o seu projeto de amor, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, sempre em comunhão com a comunidade eclesial.

*Abstract:* The article focalizes on the essential elements to be taken into account in the stages of formation of a disciple prepared for missionary, based on the Document of Aparecida. Special attention is being paid on all candidates since baptism so that these elements can be converted into solid convictions, which are to be integrated as important components of a program fostering growth and further development. The disciple cherishes his vocation to serve as missionary in the Church pursuing the stages of formation in personal attachment to God the Father and embracing the project of divine love through the word of God and the Eucharist in union with the community of the Church.

## A formação do discípulo-missionário à luz do Documento de Aparecida

*Everaldo Cescon\**

\* Pós-doutorando em Filosofia na Universidade de Lisboa. Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal. Doutor em Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Professor da Universidade de Caxias do Sul, Brasil.



## Introdução

Como sabido, em 2007, o Episcopado Latino-Americano e Caribenho realizou a sua V Conferência Geral, em Aparecida. O título do *Documento Final* anuncia, “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos n’Ele tenham Vida”. Com esta vinculação dos termos “discípulos” e “missionários”, o *Documento* relaciona as duas dimensões fundamentais de cada cristão individual e de cada comunidade e Igreja local. De fato, no Evangelho de Marcos há duas perguntas indissociáveis: “Quem é Jesus?” e “Quem é o seu discípulo?” Jesus toma a iniciativa e chama os eleitos para que fiquem com Ele, o conheçam, criem um compromisso com a sua Pessoa e aprendam d’Ele como construir o Reino de Deus. Só depois de segui-lo pelos caminhos da Galiléia e da Galiléia a Jerusalém (lugar da cruz e da ressurreição) é que os “Doze” serão enviados. Ser discípulo, portanto, está intimamente associado a ser missionário.

Neste espaço, o nosso intento é destacar alguns elementos essenciais, a partir do *Documento de Aparecida*, que poderão servir a todos os batizados para que, pouco a pouco, convertam tais elementos em convicções profundamente arraigadas e solidamente estruturadas, como orientações de um verdadeiro programa, no projeto pessoal de amadurecimento e crescimento. Estes elementos poderão ser úteis também para alimentar e confrontar com frequência o próprio seguimento e o próprio testemunho de vida com as características de um discípulo missionário autêntico, segundo a vontade de Jesus.

### 1 Quem é o discípulo de Cristo hoje?

Servindo-nos da rica doutrina com que o Episcopado Latino-Americano e Caribenho nos presenteou em Aparecida, permitimo-nos destacar seis elementos que parecem ser os mais decisivos.

1º) O discípulo missionário não o é por iniciativa própria, mas por escolha de Jesus: “[...] Não foram eles (os discípulos) que escolheram a seu mestre; foi Cristo quem os escolheu [...] Jesus os escolheu para que estivessem com Ele e para enviá-los a pregar, [...] para que o seguissem com a finalidade de ‘ser d’Ele’ e tomar parte ‘nos seus’ e participar de sua missão” (DA 131).

Jesus, que convida ao discipulado, o faz a partir da sua missão e do fascínio que a sua Pessoa produz. Quem se encontra com Ele experimenta o valor avassalador da Verdade e do sentido que irradia. Tal encontro move tanto à adesão afetiva quanto à verdade que a sua pessoa revela. O



discipulado nasce da aceitação plena de Jesus e do que Ele significa, pois não há oposição entre Pessoa e doutrina. A sua presença e a sua mensagem se tornam uma. Jesus, o Cristo, apela à mente com a Verdade, cuja beleza desperta a emoção, e convida a percorrer o seu caminho procurando fazer o bem, “como Ele passou fazendo o bem” (At 10,38).

O discípulo autêntico está comprometido integralmente com o Senhor, numa comunhão íntima que busca conhecer os seus ensinamentos e segui-lo, realizando a missão de pregar o Evangelho.

2º) O *Documento de Aparecida* insiste muito na dimensão comunitária do autêntico discípulo e missionário de Jesus. A característica poderia ser formulada desta forma: um discípulo missionário não pode se formar e nem agir senão em comunhão trinitária, com o Pai, por meio de Cristo, no Espírito Santo, e em comunhão com todos os irmãos que compartilham a mesma eleição de Jesus.

3º) O discípulo missionário deve atuar sempre em sintonia e referência com a Igreja: com o Papa, com o Bispo, com o presbitério, com o pároco, com os irmãos. Ou seja, o discipulado e a missão devem ser sempre abordados a partir da fé da Igreja. O discípulo é alguém que interroga “Quem é Jesus?” e abre o seu ser profundo numa dinâmica de encontro que assume vitalmente os seus ensinamentos. “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15) é a chave que o próprio Senhor nos dá. A caridade transformadora que nutre e impulsiona esse processo deve ser demonstrada na vida e nas obras boas como sinal que distingue os discípulos do Senhor Jesus. É desse “ser discípulo” que brota o compromisso missionário que concretiza o mandato missionário de Jesus de ir evangelizar a todos os povos, anunciando-lhes quem é o Redentor, o Reconciliador e tornando-os discípulos seus. (Cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15; Jo 20,21).

4º) O discípulo missionário deve saber avaliar repetida e assiduamente todo o seu comportamento à luz da Palavra de Deus e, principalmente, do Evangelho.

5º) O discípulo missionário precisa alimentar continuamente a sua vida na Eucaristia e na oração pessoal.

6º) O discípulo missionário deve gostar de referir a sua vida ao exemplo de Maria e agir também em comunhão com ela e com os santos do céu.

Essas características devem se traduzir num processo de formação permanente para todos os discípulos missionários. É importante, então, perguntar-se como esse desejo poderia se concretizar. A seguir, oferecemos uma perspectiva geral do que pensamos a respeito.



Consideramos que o modo de realizar essa formação permanente reside na perspectiva do compromisso do discípulo missionário. É o ponto de partida da sua resposta de aceitação inicial e perpassa todo o empenho posterior para torná-la sua verdadeira opção de vida e traduzi-la em missão alegremente levada a termo.

Chegar a concretizar o próprio compromisso como discípulo missionário certamente é uma tarefa dura e decisiva. Não é simples, nem fácil. Só é radicalmente possível com a graça de Deus. Porém, requer também um esforço humano pessoal e uma ajuda da Igreja, para cooperar com a graça de Deus e, assim, poder levá-la a bom termo. É preciso traçar um caminho que permita contemplar e percorrer, como um itinerário, tal formação do compromisso.

## 2 Como formar para o compromisso?

Em primeiro lugar, é preciso recordar o significado do termo. O que é um compromisso? A palavra vem do latim *promittere*, que significava prometer e *cum*, com. Com-prometer significa, portanto, “prometer mutuamente”. Isto é, obrigar-se com alguém a cumprir algo determinado. Equivale a aceitar de alguém uma obrigação, uma tarefa a realizar, tornar-se responsável por algo diante de alguém. Assim, por exemplo, um amigo se compromete com outro a guardar um segredo que este lhe confiou; um banco se compromete a cuidar do dinheiro de um cliente; um padrinho se compromete a zelar e a proteger seu afilhado. Em suma, todo compromisso gera um dever para com alguém, livremente aceito. Cria uma obrigação que vincula moralmente uma pessoa à outra. É, na realidade, um pacto, uma aliança.

Se uma pessoa, unilateralmente, quebra o compromisso que aceitou com outra pessoa, causa-lhe uma ofensa, a prejudica. Se, pelo contrário, cumpre o compromisso, merece sua estima, sua confiança. Saber cumprir os compromissos é algo sumamente estimado por todos, até pelos malfeitores. Ser incapaz de fazê-lo equivale a não ter palavra, a não merecer confiança, a não ser fiável. A virtude que se aplica a quem sempre cumpre os compromissos assumidos é a fidelidade. Formar para o compromisso significa, em primeiro lugar, formar nessa virtude. Não é somente uma virtude humana; também é divina.

Deus é fiel. Seu amor e sua fidelidade duram para sempre e acompanham e definem todas as suas relações com o homem. “Todos os caminhos do Senhor são amor e fidelidade” (Sl 24,10). Por sua fidelidade, Deus manteve a sua aliança com o povo eleito e as suas promessas com



os patriarcas e com Davi. Por meio de Cristo, realizou a nova aliança conosco, redimindo-nos em seu sangue. E sempre tem as portas abertas para nos acolher novamente em sua casa, como filhos pródigos, mesmo que tenhamos sido infiéis e nos afastado d’Ele (cf. Lc 15,11-32).

Em primeiro lugar, o homem deve dirigir a sua fidelidade a Deus, em Cristo Jesus, que nos amou até ao extremo de dar a sua vida por nós “quando ainda éramos pecadores” (Rm 5,8). Devemos ser fiéis a Cristo, como resposta ao seu amor fiel. E, sendo fiéis a Cristo, saberemos também ser fiéis aos homens e, inclusive, fiéis a nós mesmos, a nossos propósitos, a nosso ideal. Onde não há fidelidade a Deus, desaparece também a fidelidade aos homens.

Nossa fidelidade a Cristo se torna também fidelidade à Igreja, que é seu Corpo. É na Igreja que se situa o compromisso do discípulo missionário. Não é um compromisso qualquer, banal e fugaz, como tantos compromissos que se selam no cotidiano da vida. Pelo contrário, o compromisso do discípulo missionário é uma firme, decidida e transcendental resposta ao amor fiel de Deus, que exige dar um significado novo à própria existência. É uma resposta que provoca, por parte da pessoa que deve se comprometer, uma verdadeira mudança de vida, que afetará a sua pessoa inteira e todas as suas decisões e o seu futuro.

Tal resposta implica uma decisão. Tomar essa decisão custa. É duro e penoso decidir sobre a própria vida, pela dificuldade de chegar a concretizar uma decisão tão plena e exigente. Aceitar um compromisso que orienta a vida numa determinada direção é semelhante a escolher um caminho para um determinado destino. É preciso deixar qualquer outro caminho que conduza a outro destino diferente. É preciso abandonar qualquer outro projeto que não seja compatível com o destino escolhido.

Toda escolha supõe uma renúncia. Por isso, tratando-se de escolher seguir a Jesus, Ele pediu a quem quisesse ser seu discípulo que renunciasse a buscar a si mesmo e tomasse a sua cruz: “Pois, quem quiser salvar sua vida, vai perdê-la; mas quem perde sua vida por causa da Boa Notícia, vai salvá-la” (Mc 8,35). Esse deve ser o compromisso de um discípulo missionário. Supõe, primeiramente, uma decisão de seguir a Jesus, mas feita com total abnegação e desejo, querendo realmente tornar-se discípulo e missionário dele.

Entretanto, a decisão tomada pelo discípulo missionário de seguir a Jesus, como Ele mesmo diz no Evangelho, na realidade é uma iniciativa do próprio Mestre: “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16). É o que nos recorda o *Documento de Aparecida*: “[...] Não foram eles (os discípulos) que escolheram ao seu mestre; foi



Cristo que os elegeu. Jesus os elegeu ‘para que estivessem com Ele e enviá-los a pregar’, para que o seguissem com a finalidade de ‘ser dEle’ e fazer parte ‘dos seus’; e participar de sua missão” (DA 131).

Aqui, queremos fazer uma observação especial. A eleição feita por Jesus a seus discípulos não termina com a eleição fundamental que todos os batizados recebem por seu batismo: deve crescer, amadurecer, aperfeiçoar-se. Cabe a Deus completá-la por sucessivas eleições suas. Há a eleição que todo leigo recebe para colaborar nas diferentes vertentes da ação pastoral. Mas há outras, mais radicais e exigentes, como a do sacerdócio ministerial e a da vida consagrada.

Formar para o compromisso é um processo lento e laborioso. Possui uma dimensão pessoal. O Papa João Paulo II já o indicava na *Pastores Dabo Vobis*: “Toda formação, inclusive a sacerdotal, é em última instância auto-formação. Ninguém nos pode substituir na liberdade responsável que cada um de nós tem”. Cada um de nós “é protagonista necessário e insubstituível de sua formação” (PDV 69). Já o Papa Paulo VI afirmara que ao chamado corresponde uma resposta. Se o chamado de Jesus é livre e gratuito, assim deve ser também a resposta.

Configurar assim a própria resposta supõe “chegar, sob a influência do Espírito Santo, à ‘plena maturidade de Cristo’” (Ef 4,13), que “se verifica quando, imitando e compartilhando o seu amor, se faz de toda a própria vida um serviço de amor. [...] O serviço de amor é o sentido fundamental de toda vocação” (PDV 40).

É difícil formar-se para tornar-se capaz de responder ao chamado, capaz de decidir seguir a Jesus respondendo ao seu chamado. Porém, mais difícil é saber e poder ajudar à pessoa que deve amadurecer plenamente, tornar-se capaz, com a ajuda do Espírito Santo, de definir e realizar tal decisão. Não basta pedir-lhe para que aceite. Não basta proporcionar-lhe um acervo de conhecimentos intelectuais. Não basta que chegue a saber com o que deveria se comprometer. É preciso penetrar em seu coração, em sua vontade, para motivá-la e animá-la a decidir. É preciso ajudá-la a formar em si mesma uma disposição de amor generoso e fiel a Jesus e à Igreja, para que não se contente com um seguimento morno de Jesus.

Enfim, é um longo processo de amadurecimento!

### 3 Exigências do processo de comprometimento

O processo de amadurecimento tem certas exigências que o *Documento de Aparecida* destaca. Nós as condensamos em seis:



1ª) A primeira exigência consiste em alcançar uma adesão pessoal a Cristo que seja viva, profunda e forte. Está expressa no *Documento* como um convite pessoal de Jesus com caráter de encontro: “O chamado que faz Jesus, o Mestre, comporta uma grande novidade. [...] Jesus convida a nos encontrarmos com Ele e a nos vincularmos estreitamente a Ele” (DA 131).

Essa exigência, que é comum a todo discípulo e missionário de Cristo, requer um grau maior de profundidade: o encontro deve se tornar mais intenso, mais íntimo, mais profundo, mais comprometido, mais amoroso, mais transformador. Implica assumir o projeto evangelizador de Jesus como seu colaborador mais próximo, com mais vigor, e oferecer-lhe um seguimento mais inteiro, mais abnegado, com maior disponibilidade e desprendimento para trabalhar com Ele, com maior generosidade e entrega, querendo segui-lo mais de perto e partilhar mais decididamente todos os seus sonhos.

2ª) A segunda exigência está em aceitar a mediação necessária da Igreja para discernir o compromisso que precisa assumir e decidir concretizá-lo numa resposta generosa: “O encontro com Cristo – lemos no número 246 do *Documento* –, graças à ação invisível do Espírito Santo, se realiza na fé recebida e vivida na Igreja”. E, mais adiante, o mesmo *Documento* vigorosamente destaca e sublinha a emocionada afirmação do Papa Bento XVI: “A Igreja é a nossa casa! Esta é a nossa casa! Na Igreja Católica temos tudo o que é bom...!”<sup>1</sup>

A Igreja é o lugar e o horizonte no qual se forma todo discípulo missionário, porque é nela que o Espírito Santo realiza, de modo mais pleno, a presença e a ação de Cristo, especialmente a sua ação formadora e configuradora com Ele: “... o mais decisivo na Igreja sempre é a ação santa de seu Senhor” (DA 5).

O convite que Jesus faz a todos os discípulos missionários para trabalharem alegremente na edificação do Reino de Deus se verifica precisamente na Igreja, porque é ela “a que estende o ministério salvífico do Senhor, até que Ele se manifeste novamente no final dos tempos” (1Cor 1,6-7). É Cristo que, pela ação do seu Espírito, “na Igreja, forja missionários decididos e valentes, como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9). É Cristo que escolhe os lugares que devem ser evangelizados e elege aqueles que devem fazê-lo” (cf. At 13,2) (DA 150).

<sup>1</sup> PAPA BENTO XVI. *Oração do Santo Rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos. Discurso em Aparecida, 12 de Maio de 2007*. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070512\\_rosario-brazil\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070512_rosario-brazil_po.html)  
Data de acesso: 14Ago.2007.



O *Documento de Aparecida* pondera vigorosamente a importância da ação do Espírito Santo na Igreja: "... a Igreja, enquanto marcada e selada 'com Espírito Santo e com fogo' (Mt 3,11), continua a obra do Messias...". E cita São Paulo: "Vós sois uma carta de Cristo redigida pelo nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo" (2Cor 3,3). "O mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade, até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça" (cf. Ef 4, 15-16). "O Senhor segue derramando, hoje, a sua vida pelo trabalho da Igreja, que 'com a força do Espírito Santo enviado do Céu' (1Pe 1,12), continua a missão que Ele recebeu do Pai" (cf. Jo 20,21) (DA 151).

Deduz-se que "é o Espírito Santo, na Igreja, o Mestre interior que conduz ao conhecimento da verdade total, formando discípulos e missionários" (DA 152). A recomendação dada pelo Papa João Paulo II aos futuros sacerdotes certamente vale para todos os que quiserem seguir a Jesus: "... crescer na consciência de que o Protagonista por antonomásia de sua formação é o Espírito Santo" e "acolher [...] a ação formativa do Espírito", o que "... significa também acolher as 'mediações' humanas das quais o Espírito se serve" (PDV 69).

3ª) A terceira exigência, que especifica a segunda, é amadurecer tal discernimento e resposta em comunidade. No *Documento de Aparecida* encontramos, em diversos lugares, uma insistência sobre a grande transcendência da dimensão comunitária e comunal na formação dos discípulos e missionários de Jesus. Assim, no n. 164, lemos: "A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade".

E, no n. 156, o Episcopado reforça:

*Não há discipulado sem comunhão. [...] A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão. [...] Uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é a pertença a uma comunidade concreta, na qual possamos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão com os sucessores dos Apóstolos e com o Papa. [...] A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja.*

De fato, "A Igreja é comunhão no amor" (DA 161). "A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão" (DA 163).

Temos a firme convicção de que precisamos insistir muito neste aspecto. Não formaremos para o compromisso se não favorecermos,



primeiro, uma profunda experiência de comunhão com Deus, por seu Filho, no Espírito Santo e com os irmãos, na comunidade. Pensamos que muitos projetos vocacionais e pastorais se frustram porque não partem desta premissa. Parece-nos que a vocação a um serviço pastoral específico deva surgir de uma experiência de comunidade e, nela, deve encontrar o apoio e o terreno fecundo de seu amadurecimento e crescimento. Como afirma o n. 162 do *Documento*:

*Cada comunidade está chamada a descobrir e a integrar os talentos escondidos e silenciosos que o Espírito doa aos fiéis. A diversidade de carismas, ministérios e serviços abre o horizonte ao exercício cotidiano da comunhão, através da qual os dons do Espírito são postos à disposição dos demais para que a caridade circule (cf. 1Cor 12,4-12).*

4ª) A quarta exigência consiste em fortalecer a decisão do compromisso na Palavra de Deus, na Liturgia, especialmente na Eucaristia e na oração pessoal e comunitária. Lemos no *Documento*:

*A comunhão na Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. [...] Ela (a Liturgia) é fonte e cume da vida cristã, sua expressão mais perfeita e o alimento da vida em comunhão. [...] A Igreja que a celebra é 'casa e escola de comunhão', onde os discípulos partilham a mesma fé, esperança e amor, a serviço da missão evangelizadora. (DA 158).*

O motivo deste efeito está em que, na Liturgia, vivida como experiência de comunhão com Jesus, "os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários" (DA 250). Dessa maneira, a Eucaristia se torna, neles, "fonte inesgotável da vocação cristã" e "fonte inextinguível do impulso missionário". "Ali, o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar o que escutou e viveu aos demais com audácia" (DA 251).

Em relação à oração pessoal e comunitária, recolhemos outra preciosa afirmação do *Documento de Aparecida*: "A oração pessoal e comunitária é o lugar onde o discípulo, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai. A oração diária é um sinal do primado da Graça no itinerário do discípulo missionário" (DA 255). Isto é especialmente válido e essencial na vida e na ação pastoral de todo fiel, não só como convicção, mas também como exigência de



vida, não só no início da sua opção vocacional, mas durante todo o seu desempenho como tal.

5ª) A quinta exigência consiste em exercitar o compromisso e comprová-lo participando na missão. A missão “é inseparável do discípulo, por isso não deve ser entendida como uma etapa posterior à formação, ainda que se realize de diversas maneiras, de acordo com a própria vocação” (DA 278).

Nos números 284-285 do *Documento*, lemos: “O discípulo e missionário, movido pelo impulso e pelo ardor que provém do Espírito, aprende a expressá-la (a vocação) no trabalho, no diálogo, no serviço, na missão cotidiana”.

Também se trata de uma experiência alegre, que forma e amadurece a identidade de todo seguidor de Jesus: “Quando o impulso do Espírito impregna e motiva todas as áreas da existência, então também penetra e configura a vocação específica de cada um. [...] Assim, se forma e desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas, etc...”, para nos convertermos em “pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário”. (DA 285).

6ª) A sexta e última exigência consiste em manter e reforçar o compromisso pela formação permanente. “A formação só termina com a morte”. É o que nos recorda o *Documento de Aparecida* (326). Todos os discípulos missionários precisam dela. Ela inclui a conversão pessoal, que é tão necessário renovar sempre, especialmente pelo Sacramento da Reconciliação.

O compromisso, como é evidente, requer uma constante renovação. O compromisso se renova com a ajuda da graça do Espírito Santo, incessantemente pedida e procurada, não só individualmente, mas também buscando o apoio da nossa comunidade; nas nossas comunidades, mediante renovados encontros com Cristo e com os irmãos; com renovadas experiências comunitárias de fé, de esperança e de amor, vividas na “Igreja-casa-e-escola-de-comunhão”; e com o exercício amoroso das obras de misericórdia, especialmente para com os pobres, os doentes, os necessitados, os desprotegidos e os excluídos. (cf. DA 391-398). O contato com a pobreza e com as misérias de nossos irmãos suscitará novos desejos de fazer algo para remediá-las.

O *Documento de Aparecida* acrescenta um importante elemento na formação permanente: a conversão pastoral. “A conversão pastoral desperta a capacidade de dedicar-se inteiramente ao serviço da instauração



do Reino da vida (de Cristo). Bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, somos chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral...” (DA 366).

Esta permanente conversão pastoral não tem somente uma dimensão individual, mas também deve ser comunitária.

*A conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários em torno a Jesus Cristo, Mestre e Pastor. Dali nasce a atitude de abertura, de diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e a participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs. (DA 367).*

Quando um discípulo missionário busca configurar o seu compromisso com uma atitude permanente de conversão pastoral, torna-se capaz de perceber os sinais dos tempos (cf. DA 366), isto é, as novas exigências que a realidade vai lhe propondo em cada momento e lugar e, portanto, pode mais facilmente melhorar e adequar tal realidade a seus projetos e programas de ação pastoral. Assim, saberá responder a tais exigências com um sempre renovado ardor missionário.

Esta mesma lógica se aplica às comunidades onde ele atua. Nossas comunidades precisam ser assim também. Esta é a atitude, este é o espírito que as fará comunidades vivas, evangelizadas, sempre renovadas, generosas e dispostas a trabalhar incansavelmente na edificação da Igreja.

#### 4 As tarefas

Alguns falam de crise da Igreja. Há crise quando uma instituição ou um processo é questionado por novas circunstâncias e claramente deixa de responder às expectativas dos novos tempos.

A “mudança de época” é tão acelerada que todos, pessoas e instituições, precisamos nos ressituar. Este momento histórico é de decisões que marcarão o rumo para vários séculos. Na realidade estamos diante de uma situação nova na qual os modelos anteriores já não se aplicam. Todos sentimos que o sistema político não funciona. O mesmo ocorre com a educação e a organização da saúde. A vida econômica entrou numa fase de transição da qual ninguém conhece o fim.

Neste novo cenário, alguns afirmam que, no futuro, a Igreja será novamente uma Igreja “de catacumbas” (sólida, firme, porém pequena e excluída das grandes decisões). Outros acreditam, entretanto, que é possível trabalhar por uma Nova Evangelização que influencie a sociedade.



A Igreja tem um papel limitado nas transformações do mundo. Esse papel, no entanto, pode ser eficaz e significativo, servir eficazmente ao advento do reino de Deus ou pode, também, passar ao lado dele e perder chances históricas.

Penso que estamos numa transição de uma certa “cultura de cristandade”<sup>2</sup> a uma “cultura de fermento”. Isto quer dizer que estamos numa sociedade plural. Já não estamos numa sociedade de cristandade na qual a fé se impõe por herança e por cultura. Atualmente, a transmissão da fé se dá cada vez em menor proporção de modo automático, via cultura. O método tende a ser a via da evangelização.<sup>3</sup>

Agora, a Igreja constata a inadiável tarefa de evangelizar e formar os cristãos batizados tornando-os discípulos leigos que levem o fermento do Evangelho à sociedade e consigam incluir os valores cristãos na nova cultura pós-moderna.

Se quisermos, como Igreja de discípulos, ser fiéis ao Mestre, será preciso:

- Assumir com maior franqueza nossa frágil condição humana e manifestar nossa esperança na redenção de Jesus Cristo;
- Promover círculos de Discipulado em todos os níveis e setores da Igreja. Por isso, é indispensável sentar-se ao redor para escutar o Mestre (na Bíblia e, especialmente, nos Evangelhos), para encontrá-lo na Liturgia, e para descobri-lo presente na Caridade;
- Viver em comunidade: Jesus Cristo não tem um discípulo; tem doze. O discípulo se faz em comunidade;

<sup>2</sup> Entendemos por Cristandade um sistema de relações da Igreja e do Estado (ou qualquer outra forma de poder político) numa determinada sociedade e cultura. O cristianismo apresenta-se como uma religião de Estado, obrigatória, portanto, para todos os cidadãos; a relação particular da Igreja e do Estado dá-se num regime de união; a religião cristã tende a manifestar-se como uma religião de unanimidade, multifuncional e polivalente; tende a fornecer a explicação e a justificação das relações sociais no plano das representações e discursos, e a constituir o sistema das práticas e comportamentos coletivos destinados a reproduzir estas relações sociais.

<sup>3</sup> O papa Bento XVI, na homilia, durante a liturgia das vésperas, presidida, na Catedral da Sé, na tarde do dia 11 de maio, referiu-se à questão do êxodo dos católicos para as seitas dizendo: “Parece claro que a causa principal, dentre outras, deste problema possa ser atribuída à falta de uma evangelização em que Cristo e a sua Igreja estejam no centro de toda explanação. As pessoas mais vulneráveis ao proselitismo agressivo das seitas e incapazes de resistir às investidas do agnosticismo, do relativismo e do laicismo, são geralmente os batizados não suficientemente evangelizados, facilmente influenciáveis porque possuem uma fé fragilizada e, por vezes, confusa, vacilante e ingênua, embora conservem uma religiosidade inata”.



- Gestar e acompanhar os discípulos nos três ambientes: família, escola, trabalho. Quem e de que maneira gesta os círculos de discipulado entre os católicos que se lançam à política, entre os que trabalham nos MCS, nos sindicatos e indústrias, e em outras atividades no meio do mundo? Uma vez lançados no mundo, como os discípulos leigos são acompanhados? Como podem se defender da corrupção, se ficam sós diante da realidade?
- Transformar as estruturas paroquiais para que encontrem a forma de superar as fronteiras territoriais que já não coincidem com a identidade do conjunto de seus fiéis. As paróquias, no âmbito urbano, não podem desenvolver sua missão independentemente; necessitam umas das outras. Urge a espiritualidade da comunhão em todos os agentes e concretizada na execução dos planos pastorais.
- Priorizar a cidade e os seus problemas. O caminho concreto é o confronto com problemas imediatos da cidade, do bairro. A cultura se forma no bairro. Só algumas estrelas cuidadosamente selecionadas e artificialmente reconstruídas (BBBs e Estrelas) alcançam o nível nacional, são chamadas na TV ou participam dos concursos.
- Preparar escolas de discipulado que promovam, formem e acompanhem os discípulos leigos em sua tarefa de evangelizar as estruturas sócio-temporais e, em geral, a realidade social. É sabido de todos que o Concílio Vaticano II definiu o âmbito temporal como o campo próprio da ação laical. Ordinariamente, vê-se que a Igreja, como instituição (Diocese, Paróquia), está mais orientada a formar leigos para o serviço da atividade interna, e exceções louváveis são os movimentos de formação de leigos para o serviço de tarefas temporais. É necessário afirmar que “é insuficiente e redutivo pensar que o compromisso social dos católicos se deva limitar a uma simples transformação das estruturas, pois se na base não houver uma cultura capaz de acolher, justificar e projetar as instâncias que derivam da fé e da moral, as transformações se apoiarão sempre sobre fundamentos frágeis”<sup>4</sup>.
- Confrontar-se permanentemente com o Evangelho, para identificar os próprios pecados, os pecados do mundo, e também os da Igreja.

<sup>4</sup> Congregação para a Doutrina da Fé. *Nota doutrinal sobre algunas cuestiones relativas al compromiso y la conducta de los católicos en la vida política*, 24 de novembro de 2002, n. 7.



Como seguidores de Jesus Cristo, devemos dizer a verdade. E, portanto, a verdade se converte em denúncia profética dos males que existem também no interior da própria Igreja. Recordemos as palavras de Dom Oscar Romero,<sup>5</sup> mártir em El Salvador:

*O profeta denuncia também os pecados internos da Igreja. Por que não? Se bispos, papas, sacerdotes, núncios apostólicos, religiosos, colegas católicos são homens ou formados por homens, e homens são também pecadores, portanto precisamos de alguém que seja, para nós, profeta e nos chame à conversão dos pecados... Seria muito triste uma Igreja que se sente tão digna da verdade a ponto de rejeitar todos os outros. Uma Igreja que somente condena, que olha somente para o pecado nos outros e não olha a trave presente no próprio olho, não é a autêntica Igreja de Cristo.*

- Denunciar os males que existem fora da Igreja, no país e no mundo: 1) A idolatria do dinheiro; 2) A convivência dos partidos políticos com a injustiça e a irresponsabilidade da maioria deles na miséria e nos sofrimentos, aos quais se acrescenta a corrupção; 3) O imperialismo dos Estados Unidos, no comércio, na política internacional e, sobretudo, nos pseudo-valores que nos impõem: individualismo, sucesso, bem-estar; 4) A corrupção da administração da justiça; 5) Os meios de comunicação, com mentiras, meias-verdades, a ocultação das notícias, de acordo com o caso; 6) O falseamento da religião, o espiritualismo exagerado, o individualismo alienante, o ser ovelhas que enchem estádios, a infantilização dos religiosos.
- Superar a tendência espiritualista (pentecostalismo, esoterismo) que bloqueia qualquer alusão às situações sociais. A maioria das pessoas que participa das celebrações e outros atos religiosos procura ali um refúgio de paz e de tranquilidade. No meio dos problemas e das angústias da vida diária ou da vida pública, os templos tornam-se como que um pedaço de paraíso na terra, uma presença do céu na terra.
- Voltar à práxis da misericórdia, sinal do nosso ser cristão, e voltar a promover a justiça, a transformação das estruturas. É preciso recuperar a opção preferencial de Cristo pelos pobres deste mundo.

<sup>5</sup> Homilia de 8 de julho de 1979.



- Recuperar a evangelização, no sentido primário que tem em Jesus: o anúncio de uma boa notícia aos pobres, sem que as novidades substituam o essencial.

## Conclusão

Um discípulo missionário que queira realmente amadurecer e crescer em seu compromisso, precisa conhecer cada vez mais Aquele a quem segue, e manter vivo, mas sobretudo fazer crescer a cada dia, o seu amor a Deus, a Jesus, à Igreja e aos irmãos. Quando esse amor diminui, o compromisso e a ação pastoral enfraquecem e surge o egoísmo que paralisa e submerge na mediocridade. Surge o desinteresse e o desânimo. A comunidade se ressentida e também decai e esmorece, porque tudo aquilo que acontece com um discípulo missionário sempre repercute na vida de toda a comunidade.

Quando o discípulo missionário concretiza o seu compromisso, o seu seguimento nunca será uma carga pesada demais, pois viverá sustentado pelo próprio Jesus que prometeu, como lemos no Evangelho, tornar o jugo “suave e leve”, para os que o tomam por seu amor e se eiegram em segui-lo (Mt 11,29-30).

Finalmente, com o *Documento de Aparecida*, dirigimos o nosso olhar para Maria Santíssima: “É ela quem brilha diante de nossos olhos como imagem acabada e fidelíssima do seguimento de Cristo” (DA 270). “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários (DA 269).

Ela lança luz sobre como os homens e mulheres da América Latina devem viver essas exigências da vida cristã diante das dificuldades do tempo atual. Quando crê em Deus e a partir da fé diz “Faça-se” sem limites na Anunciação-Encarnação, a Virgem dá início a um discipulado exemplar. A sua abertura à Palavra e a sua internalização da presença real do Verbo Eterno de Deus feito homem se tornam modelos da ação de avançar na comunhão com Jesus, da ação missionária e solidária.

Aquela que recebeu a Boa Notícia não a guarda para si. Rapidamente se dirige à sua parenta Isabel, que precisa de ajuda. Irradia a luz do mistério e da graça. Isabel percebe a realidade e faz uma confissão de fé: “Como é que a Mãe do meu Senhor vem a mim?” (Lc 1,43). A primeira grande confissão de fé! E o menino João salta de alegria em seu ventre, cheio do Espírito Santo.



Este é o processo do discipulado. Esta é a dinâmica da missão: acolher, interiorizar o Senhor, deixar que a sua Vida se expresse em toda a nossa vida, permitir que irradie a sua luz e o seu calor aos outros e sermos cooperadores dessa irradiação, emprestar-lhe a realidade de nossa vida, de nosso ser, de nossa mente, de nosso coração, de nosso tempo para que se expresse e se projete na realidade concreta dos seres humanos, estendendo até os confins da terra o anúncio e a explicação da Boa Notícia, que a Igreja guarda e comunica a todos como expressão de sua vida e missão.

Como discípulos missionários, nela encontraremos sempre aquela ajuda de que necessitamos para "... manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir aos discípulos de seu Filho" (DA 272). Ela "... se tornou parte da caminhada de cada um de nossos povos...". Também nós, nela, encontramos "a inspiração mais próxima para aprender como ser discípulos e missionários de Jesus" (DA 269). Nós o constatamos também aqui, no Brasil, pelo "acontecimento de Aparecida". Podemos, portanto, acolher com alegria a exortação que nos é dirigida nas palavras do Papa Bento XVI: "Permaneçam na escola de Maria. Inspirem-se em seus ensinamentos. Procurem acolher e guardar dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, vos envia a partir do alto".<sup>6</sup>

A obediência amorosa da Virgem Maria ao Projeto de Deus é a chave do discipulado pela qual ingressamos no caminho da comunhão existencial, vivendo a comunhão com Jesus que é a própria Vida e experimentando o mistério de sua presença, anunciando-o com a vida e a palavra, sob o impulso do Espírito Santo que leva a atuar segundo o Plano de Deus.

Queira Deus, pela ação do Espírito Santo e pela intercessão de Maria, nos conceder a graça de experimentar uma verdadeira renovação pessoal e comunitária, no espírito do *Documento de Aparecida*, para que o Evangelho chegue a transformar verdadeiramente nossas comunidades em comunidades vivas, evangelizadas, sempre renovadas, generosas e dispostas a trabalhar incansavelmente na edificação da Igreja.

*Endereço do Autor:*

Rua José Casagrande, 104

Vila Zucchetti

95350-000 NOVA ARAÇÁ, RS

<sup>6</sup> *Ibidem*, 14 Ago. 2007.



**Resumo:** Para entender o perfil de presbítero que sobressai no DA, o autor se concentra na seção própria onde se trata diretamente do assunto (DA 191-200), e, a partir daí, articula uma reflexão junto ao resto do Documento, nas entrelinhas do Documento (espírito do texto) e além do Documento, dentro da sugestiva temática do discipulado missionário. Nessa seção encontramos três dimensões, chamadas pelo DA de "desafios", que podem servir para um esquema-base para algumas considerações: 1) a identidade teológica do ministério presbiteral; 2) a missão do presbítero inserido na cultura atual; 3) o testemunho de vida do presbítero como homem de Deus, capaz de comunhão com os irmãos. Se nos colocarmos à escuta do que o Espírito diz hoje às Igrejas e aos presbíteros, Ele nos pede uma nova tomada de consciência sobre a radical opção de fé e de missão que representa a vida cristã.

**Abstract:** The profile of the ordained priest stressed in the Document of Aparecida received special attention in the section no. 191-200. In the light of these paragraphs as well as from the rest of the Document we are able to gather food for thought about the disciples engaged as missionaries. Three dimensions are underlined as challenges: first, the theological identity of the priestly ministry (what it is); second, the mission of the priest inserted in today's culture (what he does); third, the relevance of the life of the priest as man of God interacting in communion with his brethren (who he is and how he acts).

## Considerações sobre o perfil do presbítero no Documento de Aparecida

Stefano Raschiatti, SX\*

\* Stefano Raschiatti, sx, é missionário xaveriano italiano, há 18 anos no Brasil. É mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, assessor do Conselho Missionário Nacional da CNBB e membro da equipe do Centro Cultural Conforti de Curitiba, PR, Brasil.